CACHOEIRA DE EMAS

Lindo recanto de amores

Editora YOLBOOK

Israel Foguel

CACHOEIRA DE EMAS

Lindo recanto de amores

2ª Edição

São Paulo
Edição do Autor
2022

Copyright by Israel Foguel
Editor Israel Foguel
Diagramação: Vera Lúcia de Souza Foguel
Capa: foto de Antonio Felipe

Registrado na Fundação Biblioteca Nacional
Decreto nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998

Dados para catalogação na publicação (CIP)

F655c Foguel, Israel, 1954 –

Cachoeira de Emas: Lindo Recanto de Amores, Israel Foguel – São Paulo: YolBook, 2022.
270 p.: 14,8 x 21cm il.

1. História. I.Título

ISBN 978-85-93232-54-1

CDD – 981 CDU – 930

Todos os direitos reservados à **Israel Foguel**
Rua D. Pedro II, 1624 - Centro - Pirassununga – SP
(19) 9.9745.4131
E-mail: israel.foguel@gmail.com

Introdução

A Cachoeira de Emas é um distrito localizado no município de Pirassununga, Estado de São Paulo sendo uma região com vocação voltada para o turismo. Fazem parte desse distrito, ainda, a Vila Santa Fé, Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Peixes Continentais, uma Unidade de Pesquisa e Desenvolvimento (o antigo Laboratório de Peixes Fluviais Doutor Pedro de Azevedo), do Pólo Centro Leste da Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios da Secretaria de Agricultura e Abastecimento de São Paulo e parte da Academia da Força Aérea, com destaque para a Fazenda da Aeronáutica de Pirassununga. Atualmente, tem-se denominado, todo o local como Cerrado de Emas.



Israel Foguel

O início das pesquisas com peixes e o rio, em Cachoeira de Emas, deveu-se, inicialmente, ao biólogo e zoologista Rodolpho von Ihering, responsável pela instalação de uma Estação Experimental de Biologia e Piscicultura no Distrito, nos anos 30, bem como ao trabalho e à persistência do professor Manuel Pereira de Godoy.



Dentre os diversos trabalhos do prof. Manuel, um dos mais notórios foi, justamente, o desenvolvimento de dispositivos junto às barragens (escadas de subida) dos diversos rios brasileiros com o intuito de diminuir ao máximo o impacto na vida aquática, permitindo passagens dos peixes para a reprodução e manutenção dessas espécies.

O Distrito está a cerca de nove quilômetros do centro de Pirassununga, às margens do Rio Mogi Guaçu, utilizando a SP-201, é um importante recanto turístico do Nordeste Paulista, onde há lazer; e é muito frequentado por visitantes, de passagem por esta rodovia, com destaque para os diversos Motoclubes do interior paulista, e por pescadores, além da presença de romeiros oriundos da vizinha cidade

de Tambaú, onde o padre Donizetti Tavares de Lima viveu parte de sua vida.





Há a estimativa de que, nos dias de maior frequência, o total diário de pessoas presentes aproxime das 20 mil. O grande destaque e destino dos visitantes são os vários restaurantes e quiosques especializados na culinária à base de peixes.

A pesca, dentro dos períodos permitidos pela vigilância ambiental, é uma das principais atrações e, juntamente com o turismo e gastronomia, uma importante fonte de renda para os moradores do local.

Os principais peixes são: dourado, mandi, curimbatá e piapara. Porém, na época da Piracema, a pesca é proibida. No local ainda existe uma Base Operacional da Polícia Ambiental, da PMESP.



Próximo à Cachoeira de Emas, existe uma usina de cana-de-açúcar, que emprega grande quantidade de trabalhadores do local e da cidade de Santa Cruz das Palmeiras, sendo uma importante empresa geradora de impostos e de mão de obra regional.

Por fim, com o interesse de uma empresa privada na PCHEmas (desativada), há a expectativa de que, com o possível retorno das atividades de geração de energia, todo o Distrito possa ser beneficiado com o investimento a ser aplicado nessa usina, bem como com as obras de infraestrutura a serem aplicadas no local, melhorando a capacidade de acolhimento dos visitantes e da qualidade de vida aos moradores da Cachoeira de Emas.

Locais de destaque no distrito:



Ecomuseu - em reforma, pela Aratu Energia; Teatro de Arena; Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Peixes Continentais e o IBAMA - referência na América Latina em pesquisa de peixes de água doce; Ponte Velha - antiga passagem da SP-201; Unidade de Pesquisa e Desenvolvimento, do Pólo Centro Leste da Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios; Pequena Central Hidrelétrica de Emas (PCHEmas), com sua barragem para a formação do lago e uma "escada" para a subida dos peixes do rio para a desova; Centro Comercial; EMEI Parque Ecológico; Pesqueiros ao longo das margens do Rio Mogi Guaçu

No Distrito também se realiza, anualmente, os shows da Fenacema (Festa Nacional da Piracema), no dia 8 de dezembro e, no último sábado do mês de janeiro, o conhecido "Passeio de Boias" até a cidade de Porto Ferreira, descendo o Rio Mogi Guaçu.



O local também é muito frequentado por veranistas e familiares devido a existência de uma grande quantidade de pesqueiros ou "ranchos", ao longo do Rio Mogi Guaçu, dotados de outras áreas de lazer.

No final de semana é realizada aos domingos, a partir das 9 horas, uma Feira de Artes e Artesanato no Centro Comercial Maria Eunice Rosa que atrai muitos turistas da região.

A Origem

Painguás. Assim eram chamados os índios da tribo Tupi-Guarani que primeiramente habitou nossas terras. Segundo o historiador Manuel Pereira de Godoy, essa ocupação durou mais de 250 anos. Das cinco aldeias que existiam no município, quatro delas ficavam na Cachoeira, duas de cada lado do rio. Um quinto aldeamento ficava perto da foz do rio Jaguari Mirim, hoje região do bairro rural de Santa Tereza.



Em locais distintos da região rural de Pirassununga, pedaços de artefatos indígenas como cacos de cerâmica, pedaços de cachimbos e igaçabas (potes ou vaso de barro onde os índios colocavam os ossos de seus ancestrais) ainda são encontrados durante o preparo das terras para plantio. Essa cultura deixou um legado riquíssimo.



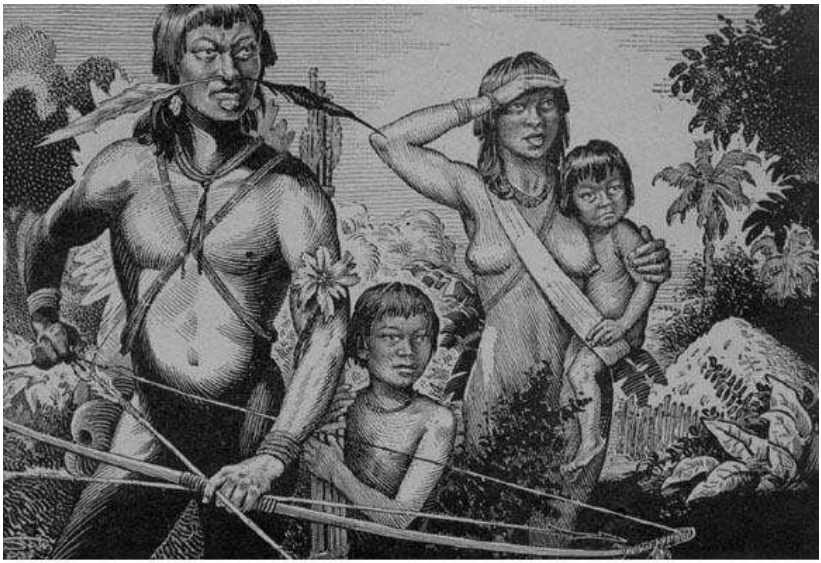
Além das lendas sobre a “Origem do Rio Mogi Guaçu”, “Origem das Estrelas”, “Boitatá”, “Boiúna”, entre outras, os índios inspiraram o próprio nome dado ao município, “Pira cynun’ga”, que significa “lugar onde o peixe, faz barulho”, numa alusão aos curimbatás machos que roncam durante a piracema para atrair as fêmeas.

A “Pira cynun’ga” que os índios vislumbraram logo que aqui chegaram é a região da Cachoeira que todos nós conhecemos. O nome Mogi Guaçu também vem do tupi antigo “moî' y gûasu”, que significa “rio da cobra grande" ou "mboya guaçu y”, “águas que serpenteiam”.

Em recente levantamento sobre o impacto ambiental relacionado à construção da nova ponte sobre o rio Mogi Guaçu, arqueólogos que aqui estiveram encontraram vestígios de que outras etnias também habitaram o local antes dos Tupis-Guaranis.



INDIOS TUPI-GUARANIS



Indios Tupi-Guaranis, primeiros habitantes



Habitando as margens de um rio tão piscoso como o Mogi Guaçu, o nosso Tupi-Guarani era um exímio pescador. Pescavam com anzóis de espinhas grandes de dourado e de ossos de animais.



Como armadilha, usavam redes trançadas de fibra vegetal, o "covo" feito de taquarassu e "pari", uma espécie de chiqueiro de

pedras, com entrada fácil para a água e os peixes e de saída impossível.

Há 130 anos, ainda havia alguns "paris" instalados em Cachoeira de Emas, na região da "topava", deixados pelos índios, que foram usados por pescadores profissionais, caboclos e brasileiros. Assim, a herança indígena do "pari" em "Pira cynun'ga", atual Cachoeira de Emas, perdurou por cerca de 30 anos após o desaparecimento do nosso índio.

Nas margens do Rio Mogi Guaçu existiam quatro aldeias, duas de cada lado. Ali permaneceram e denominaram de PIRA-SUNU-NGA. Que pronunciavam em três palavras daquele dialeto, da seguinte forma: PIRA (peixe), SUNU (barulho) e NGA (lugar).

Assim, em tradução literal, significa "lugar onde o peixe ronca".

Em Tupi-Guarani "s" é sempre brando e não soa como "z"; daí o fato de ser "s" dobrado (ss) em Pirassununga.

Os índios observavam as grandes subidas (piracemas) dos peixes no Rio Mogi Guaçu e os roncos dos corimbatás nas desovas – eram tantos os peixes e tão fortes os seus roncos que os índios somente podiam chamar o lugar desta maneira.

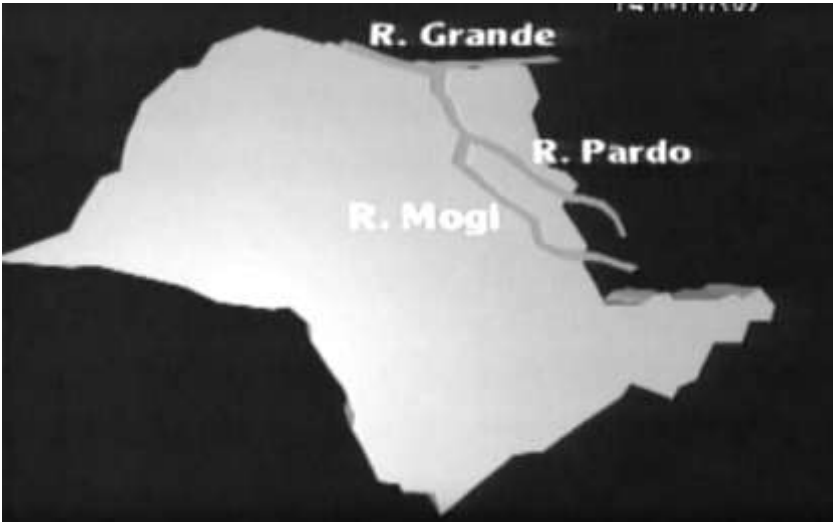
As nascentes do rio Mogi Guaçu ficam em Minas Gerais, perto da Borda da Mata, a 1550 metros de altitude. Percorre, em território mineiro, cerca de 119 quilômetros. Tem aproximadamente 490 quilômetros de extensão e um desnível de 1080 metros até sua desembocadura, que está a 470 metros acima do nível do mar.

Geologicamente, a formação do Mogi é idêntica à do rio Pardo. Todavia, o Mogi é muito mais importante, tanto em volume de água como pela fauna ictiológica.

Sua bacia hidrográfica tem 17.460 quilômetros, enquanto a do Pardo apresenta-se com 11.966, contados até a confluência de ambos os rios.

Israel Foguel

Em mapas e escritos antigos, o Mogi era apresentado desembocando no Rio Grande, tendo o Pardo como afluente, parecendo não haver motivo para a modificação atual.



O Rio Mogi Guaçu teve duas enchentes que marcaram a sua época. Uma, em janeiro de 1929 e, outra, em fevereiro de 1970, quando subiu 7,60 metros acima de seu nível normal, sobrepujando a anterior em um metro de altura.

Seu menor volume de água foi registrado no ano de 1947.

Continua ele como um dos mais piscosos rios do Estado, embora sua fauna esteja sendo destruída pela poluição muito mais danosa do que a pesca proibida.

A maioria das cidades ribeirinhas, desde Minas Gerais jogam nele “in natura” seus esgotos e, para ele, são dirigidos os resíduos nefastos de várias indústrias.

Dizem os geólogos que o Rio Mogi Guaçu tem 35 milhões de anos.

Cachoeira de Emas: Lindo Recanto de Amores

Há cerca de 140 anos atrás, a Cachoeira era um ninho de peixes.

As pessoas que iam da cidade, chamavam um canoeiro para descer o rio em busca de dourados. O canoeiro levava também sua vara e o dourado que ele pescasse entrava no aluguel da canoa. E era então abundante o dourado, a piracanjuba, que na primeira volta de canoa, não havia mais necessidade de continuar a pescaria.

Para os índios Painguás, o Rio Mogi Guaçu (rio da Cobra Grande) nasceu das copiosas e sentidas lágrimas da bela Obirici, que se viu preterida em disputa com a rival, igualmente bonita e prendada, para ganhar a preferência matrimonial do cacique da tribo.

O famoso e valente guerreiro dedicava igual afeição às duas rivais e amargurava-se por não saber decidir-se. Então teve um sonho que transformou em realidade: ambas disputariam um torneio de flechas e a vencedora seria a escolhida.

Com a tribo reunida festivamente, realizou-se a disputa e Obirici perdeu. E desesperou-se em lágrimas abundantes que, dia após dia, corriam por suas faces sofridas. Condoída de tanto sofrimento, Monã, Deus supremo dos Painguás, transformou o corpo de Obirici nas montanhas, de onde suas lágrimas, sempre a rolar, formaram as nascentes do Rio da Cobra Grande, o Rio Mogi Guaçu.

A Lenda da Origem do Rio Mogi

*H*á muito tempo um chefe guerreiro se enamorara de suas formosas índias. O regime monogâmico tribal o impedia de se casar com as duas e ele não sabia qual decisão tomar. Até que numa noite ele teve um sonho: deveria propor um torneio de flechas entre as duas amadas. Aquela que melhor acertasse no alvo seria a esposa do guerreiro. Na manhã seguinte contou o sonho as amadas e o torneio foi aceito por ambas.

Israel Foguel

Toda a aldeia se reuniu para assistir a disputa.

Quem perdeu foi a índia Obirici, aquela que mais amava o índio guerreiro. Assim perdendo o seu amor, Obirici refugiou-se na mata e pediu a "Monã", deus supremo, que lhe desse a maior dor. Pela primeira vez entre os índios essa dor veio em forma de lágrimas.

E Obirici chorou dias e noites seguidos. As lágrimas banharam o seu corpo, correram pelos seus pés e formaram um pequeno riacho, que deu origem ao rio Mogi Guaçu. Mas Obirici continuou chorando… Naquele êxtase de dor, "Monã" veio buscá-la. Porem, Obirici quis ficar nesta Terra, perto dos seus.



E o seu corpo, inteirinho, esticado no chão, se transformou numa montanha – a "maan tiquira" (coisa que verte) – a Serra da Mantiqueira, que continua a chorar formando as vertentes que correm para Minas Gerais e São Paulo.

Este afresco – a "Origem do rio Mogi Guaçu" -, criado pelo artista pirassununguense Mauro dos Santos, esteve afixado na parede interna do Ecomuseu "Professor Manuel Pereira de Godoy", em Cachoeira de Emas.

Cachoeira de Emas: Lindo Recanto de Amores

As famílias que por aqui passavam no início dos anos de 1800, com medo dos tupis guaranis existentes nos dois lados do Rio Mogi Guaçu, em Cachoeira de Pirassununga, recuaram cerca de 9 quilômetros.

Em 1809, segundo pesquisa e informação do historiador prof. Manuel Pereira de Godoy, chegou nesta terra, hoje denominada Pirassununga, Christovan Pereira de Godoy e sua esposa Anna Maria da Conceição.

Anos depois, por volta de 1920, segundo pesquisas de Xavier de Novaes (1904), apareceu nas proximidades do Ribeirão do Ouro um senhor de nome Ignácio Pereira Bueno e sua esposa Anna Francisca da Silva iniciando a constituição de um pequeno povoado. Com a ajuda dos tropeiros que por ali pararam e do trabalho de negros escravos, Ignácio construiu em suas terras uma "capela", de taipa (parede de terra socada, com esteios, baldrames, vigas, etc., de rija madeira de lei).

Esta primeira e tosca capela foi construída numa clareira aberta na mata e depois, muito depois, formou o largo da Matriz Velha, entre as ruas do Comércio (atual rua Coronel Franco) e rua das Flores (atual rua dos Lemes) e entre a rua da Ponte (atual rua General Osório) e Travessa da Capela (atual rua Pereira Bueno), onde hoje estão a Estação Rodoviária e anexos, a igreja da Assumpção e outras edificações.

Nesta tosca capela, no dia 6 de agosto de 1823, foi realizada a primeira missa por um padre português de nome Fellipe Antonio Barreto, que depois foi vigário em Mogi Mirim. Esta data foi considerada, historicamente, como a data de fundação do bairro.

Na verdade, desde seus primórdios, a cidade foi povoada e desenvolvida no campo material, agrícola, industrial, social e religioso por famílias e por pessoas que para aqui vieram com um objetivo bem definido, que era o estabelecimento em novas terras para o desenvolvimento de uma nova comunidade.

Em 1823 existiam poucos imóveis no povoado: a capela ali onde hoje está a Igreja Assumpção, dois ranchos de sapé que abrigavam os tropeiros e os primeiros pioneiros localizados próximos ao ribeirão do Ouro, a casa de Ignácio Pereira Bueno e sua esposa lá onde hoje se encontra a Casa Vimal, uma casa comercial e três ou quatro casas residenciais na então rua nova (atual D. Pedro II), um caminho que ia até a "biquinha" onde o povo buscava água para beber, e a casa de Christovan Pereira de Godoy na primeira estrada rural que dava acesso para a Cachoeira.

Com o progresso do bairro houve o aumento material da Capela para Igreja e recebeu vários aumentos e reforma através dos anos, ganhando altares, esculpidos em cedro e dourados com ouro folheado, ganhou imagens bonitas, vindas da corte do Rio de Janeiro e de Portugal.

Em 1828 foi iniciada a construção da primeira igreja matriz, por ordem do bispado de São Paulo, no mesmo lugar em que estava situada a antiga e tosca capela.



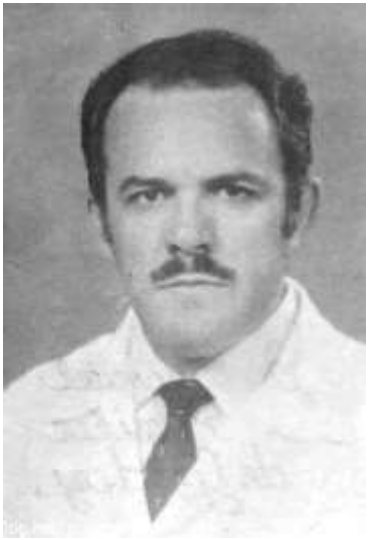
Matriz Velha construído no ano de 1928 e demolida nos anos 50.

E assim a cidade foi crescendo, os índios se afastando, e os pescadores chegando mais próximos a Cachoeira.

A história da então Cachoeira de Pirassununga é um tanto quanto difícil de se contar por ser composta de fatos isolados, infelizmente pouco estudado pelos historiadores e pesquisadores da época.

O maior pesquisador e historiador, que trabalhou como cientista e deu sua contribuição à história de nossa região foi sem dúvida o prof. Manuel Pereira de Godoy.

Quem foi o prof. Manuel Pereira de Godoy?

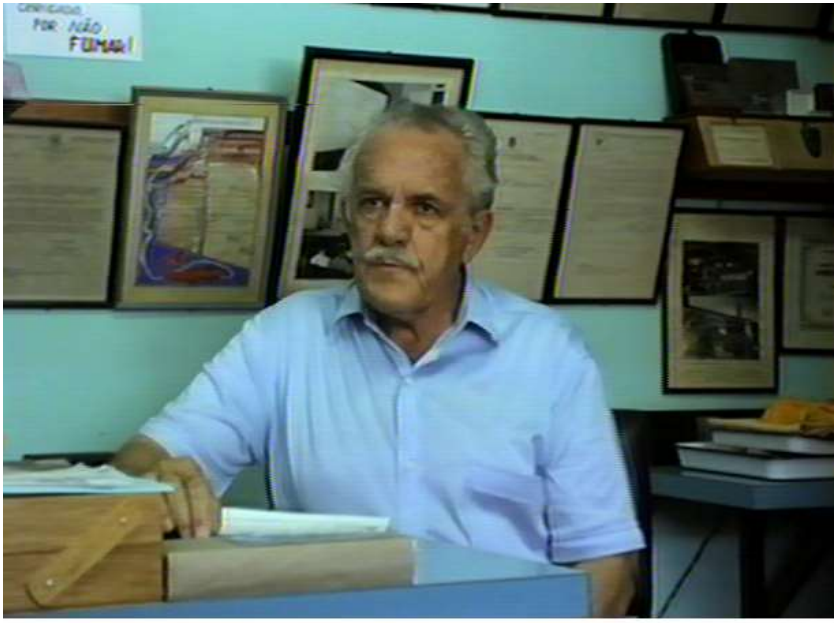


Descendente direto dos pioneiros fundadores da cidade (Christovan Pereira de Godoy e sua esposa Anna Maria da Conceição) nasceu em Pirassununga, no ano de 1922. Teve sua formação acadêmica em História Natural, formando-se em 1943, no cargo de biologista. A partir de 1950, por concurso, tornou-se titular de biologia (História Natural) lecionando no 2 grau do antigo Instituto de Educação Pirassununga – IEP.

Ainda em 1948/1949 foi professor de Biologia de peixes, na Universidade do Chile, nas cidades de Santiago e Vina Del Mar. Em 1952, na Europa, especializou-se em Institutos Científicos de Portugal, França, Alemanha, Dinamarca, Suécia e Inglaterra. Em 1960 atuou como professor instrutor da Organização das Nações Unidas.

Com outros 9 especialistas mundiais, atuou no primeiro Centro latino-americano de Capacitação em Piscicultura e Pesca Continental, realizado em Buga, na Colômbia. Em 1963 tornou-se membro do Conselho Nacional de Pesquisas. Em 1971 passou a ser coordenador

do 1º Seminário Nacional de Piscicultura realizado em Manizales, Colômbia. Participou de várias sociedades científicas e entre os anos de 1944 e 1973 publicou 68 trabalhos técnicos e científicos. Proferiu inúmeras palestras, inclusive ilustrativas em escolas, clubes, entidades, etc.



Prof. e cientista Manuel Pereira de Godoy

Em 1971 e 1972 tive a oportunidade de ser aluno do professor Manuel Pereira de Godoy. Foi aí que comecei a admirar sua inteligência e interesse pelas coisas de nossa cidade. Suas aulas eram verdadeiros tesouros, com desenhos que tínhamos de fazer em nossos cadernos colando folhas transparentes, uma sobre a outra, mostrando a evolução das rochas, do mundo e da cidade de Pirassununga. Mais tarde, na década de 90 voltei a encontrá-lo, nas dependências de seu museu, em sua residência. Gravei com ele uma

entrevista em vídeo, e a tenho até hoje, falando sobre Pirassununga, o desenvolvimento de toda a nossa região e detalhes de nossa fundação.

Dedicado a sua terra natal, o prof. Manuel Pereira de Godoy mantinha em sua residência um museu particular, com um acervo riquíssimo de objetos e documentos que preservam a memória da sua querida cidade.

Foi o idealizador da Bandeira de Pirassununga, com suas cores de origem, onde o brasão e o peixe curimbatá são ladeados pelos ramos de café e cana-de-açúcar, culturas da época de sua fundação.

Autor de dois livros manuscritos (Volume 1 e Volume 2 – datados de 1975) denominados "Contribuição à História Natural e Geral de Pirassununga", onde retrata com riqueza de detalhes e documentos, a história de Pirassununga, desde a data de seu surgimento, a colonização e as constituições políticas, tudo foi minuciosamente relatado nestas verdadeiras obras de arte de valor imensurável. Aliás, nossa pesquisa só foi possível graças aos relatos do prof. Manuel Pereira de Godoy.

O volume 3 desta obra, consistia em uma coletânea de aproximadamente 18 livros manuscritos, que completavam a história até o final do século 20.

Mas, para decepção geral da nação corimbatá, esta coletânea não chegou a ser publicada. O desinteresse e o descaso dos órgãos competentes frustraram o sonho do professor.

No dia 14 de outubro de 2003 faleceu, aos 81 anos de idade, vítima de câncer no pulmão, o cientista e professor Manuel Pereira de Godoy, sem dúvida alguma um dos filhos mais ilustre de Pirassununga.

Seu corpo foi velado na "terra de seus amores", cremado em São Paulo e suas cinzas depositadas no Rio Mogi Guaçu, o seu berço eterno em cuja bacia hidrográfica, passou grande parte da sua vida

dedicada a estudos e pesquisas que o levaram a ser um dos maiores expoentes da ciência biológica do mundo.

Sua ligação com a Cachoeira foi primordial para que pudéssemos levantar a história do local.



Prof. Manuel Pereira de Godoy

Manuel Pereira de Godoy começou a ter contato com o rio Mogi Guaçu, na Cachoeira e na região da Balsa (cerca de 16,5 quilômetros a montante de Cachoeira de Emas) na piracema de 1938/1939, com os seus 15 -17 anos de idade. Suas primeiras atenções foram voltadas ao tempo da ocupação indígena – Tupi Guarani – na região de Cachoeira de Emas, as quais resultaram em pesquisa sobre as culturas material e não material dos extintos indígenas locais, com um relativo abundante material recolhido, o que resultou na preparação de alguns trabalhos que foram publicados, posteriormente, a partir de 1946.

Cachoeira de Emas: Lindo Recanto de Amores

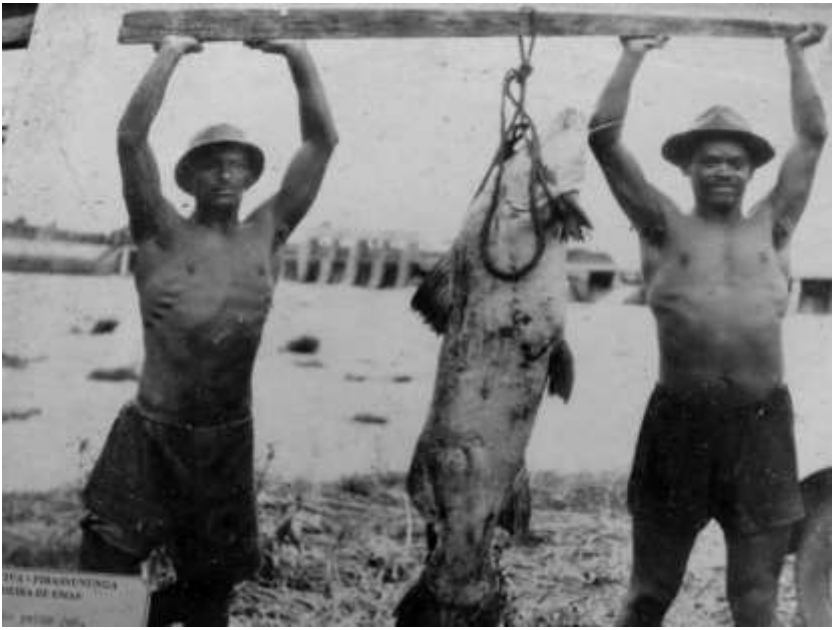
Segundo as pesquisas do prof. Godoy, durante séculos, entre os séculos XVI e XIX, os Tupi Guaranis que habitavam a antiga Pirassununga (lugar onde o peixe ronca), atual localidade do distrito de Cachoeira de Emas, como recursos naturais para a sobrevivência, tiveram a riqueza de peixes do Mogi Guaçu, os alimentos que podiam extrair das matas e dos campos e a vida livre!

Uma relativa abundância de peixes, no Mogi Guaçu, ainda se conservou até por volta de 1954 – 1958. O que aconteceu com os peixes e a pesca no Mogi Guaçu e em razão das alterações ambientais e das ações antrópicas do homem branco? Das 106 espécies de peixes, da Bacia Mogiana, no início dos anos 2000, 19 espécies já haviam desaparecidos, por extinção; os cardumes se reduziram drasticamente, em cerca de 70%.



Em 1945, a Cachoeira possuía cerca de 100 pescadores profissionais e os cardumes que chegavam em Cachoeira de Emas continham 100 a 160 mil peixes, conforme contagens que o prof. Manuel Pereira de Godoy realizava na passagem da escada de

peixes. A pesca, em todo o Rio Mogi Guaçu, até 1945, rendia 320 toneladas ano, das quais 160 toneladas ano, somente na região da Cachoeira de Emas. Hoje não há pescadores profissionais na região apenas alguns pescadores que não sobrevivem com a pesca, pois realizam outras atividades.



Em 1943, como biologista, Manuel Pereira de Godoy oficialmente começou a trabalhar na antiga Estação Experimental de Caça e Pesa, nas proximidades de Cachoeira de Emas, no rio Mogi Guaçu.

Ao mesmo tempo, o prof. Godoy começou a estudar os peixes, a pesca, os pescadores e o próprio rio Mogi Guaçu, quanto a sua qualidade, quanto a cobertura vegetal da bacia Mogiana, quanto ao solo e ao subsolo e, para tanto, entre 1944 e 1955 pode navegar, em

algumas oportunidades, de canoa e por terra, todo o comprimento do Rio Mogi, desde a sua nascente em Bom Repouso (MG) até a sua foz, numa extensão de 473 quilômetros, em seguida, descendo pelo Rio Pardo, da foz do Mogi até a foz do Pardo, chegando até Colômbia, no Rio Grande, percorrendo mais 115 quilômetros.





